

50 anos de estudos de Comunicação: Trajetórias acadêmicas cruzadas

50 años de estudios sobre Comunicación: Trayectorias académicas cruzadas

■ RAÚL FUENTES NAVARRO^a

Universidad de Guadalajara, Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades. Guadalajara, México

RESUMO

Este texto é um exercício autorreflexivo do autor sobre sua trajetória como professor universitário e pesquisador acadêmico no campo dos estudos de comunicação durante as últimas cinco décadas. O ponto de partida é a convicção de que é impossível isolar uma trajetória individual, já que a história implica o reconhecimento das interseções mutuamente determinantes com outros indivíduos e com estruturas institucionais de várias escalas. Qualquer autobiografia acadêmica é necessariamente uma reconstrução de laços coletivos com pares e com contextos institucionais situados em tempos e espaços específicos – neste caso, localizados na América Latina, sobretudo no México e no Brasil.

Palavras-chave: Profissionalização, campo acadêmico, América Latina, México, Brasil

^a Professor Pesquisador no Departamento de Estudios de la Comunicación Social, Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades, Universidad de Guadalajara. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6494-8122>. E-mail: raul@iteso.mx

RESUMEN

En este texto se despliega un ejercicio autorreflexivo del autor acerca de su trayectoria como profesor universitario e investigador académico en el campo de estudios de la comunicación durante las cinco décadas más recientes. El punto de partida es la convicción de que es imposible aislar una trayectoria individual, puesto que la historia implica reconocer los cruces mutuamente determinantes con otros individuos y con marcos institucionales de diversas escalas. Toda autobiografía académica es necesariamente una reconstrucción de los vínculos colectivos con pares y con contextos institucionales situados en tiempos y espacios concretos, en este caso ubicados en América Latina, sobre todo en México y en Brasil.

Palabras clave: Profesionalización, campo académico, América Latina, México, Brasil

DE ACORDO COM o sociólogo francês Pierre Bourdieu, o princípio metodológico da *objetivação participante* “é, sem dúvida, o exercício mais difícil que existe” porque “requer a quebra das aderências e adesões mais profundas e inconscientes”, ou seja, o interesse “do objeto estudado por aquele que o estuda” (Bourdieu, 1989, p. 51). Se esta afirmação for aplicável ao meu caso, minha trajetória profissional no campo acadêmico da comunicação pode ser entendida como um longo processo de adoção e exercício do princípio da “objetivação participante” ou, em outras palavras, segundo o sociólogo espanhol Jesús Ibáñez, de uma contínua vigilância epistemológica para integrar o processo desta pesquisa em minha “persona pesquisadora”, que é “socialmente determinada pelo sistema de relações sociais” (Ibáñez, 1985, p. 218). De acordo com o sociólogo americano C. Wright Mills, por sua vez, para entender as mudanças de muitos meios pessoais, somos forçados a olhar além delas. “E o número e a variedade dessas mudanças estruturais aumentam à medida que as instituições dentro das quais vivemos se tornam mais extensas e mais intrinsecamente relacionadas umas com as outras”. Poder descobrir estes vínculos “é possuir *imaginação sociológica*” (Wright-Mills, 1961, p. 30, tradução livre). Há mais de 25 anos, em minha tese de doutorado em Ciências Sociais, pude formular, apoiado pelo trabalho destes e de outros autores, “*um compromisso com a produção de sentido*”, assumindo a opção de “construir uma posição e identidade profissional para mim como acadêmico de comunicação”, que construí como objeto de estudo “o próprio campo em que atuo como sujeito” (Fuentes-Navarro, 1998, p. 10, tradução livre).

Porém, o processo de minha educação universitária começou 25 anos antes. A decisão de entrar no programa de graduação em Ciências da Comunicação em 1970 na Universidade Jesuíta de Guadalajara (ITESO) foi basicamente intuitiva. O programa ainda era amplamente desconhecido e muito atrativo para quem, como eu, preferia um *projeto de futuro* a ser construído e não um projeto pré-fabricado para profissões ou ofícios tradicionais. Uma ampla base em humanidades e uma orientação para a prática na “mídia” foi uma combinação inovadora e estimulante, em uma época que já oferecia aos jovens universitários múltiplas opções para o desenvolvimento cultural (Prieto, 2021). O cinema e as artes audiovisuais foram meu ponto de referência central para o aprendizado inicial e a profissionalização na comunicação. Por dez anos, incluindo cinco anos como estudante, trabalhei como produtor de rádio e audiovisual, tanto no campo comercial quanto educacional. Em 1979, participei da fundação de um Departamento de Recursos Audiovisuais na Universidade de Guadalajara (UDG), com a tarefa de produzir materiais de apoio aos processos de ensino-aprendizagem no ensino superior.

Porém, a edição de filmes gerou questões teóricas e epistemológicas sobre comunicação, nas quais pude trabalhar como professor de Teorias da Comunicação, uma matéria que não existia anteriormente no currículo, mas que assumi no ITESO em 1978 e, portanto, li o pouco material disponível sobre o assunto. Assim, mudei minha carreira profissional de produtor audiovisual para acadêmico em tempo integral. Essa transição foi consolidada em 1981 quando fui nomeado diretor da Escola de Ciências da Comunicação da ITESO, quando então me demiti de meu emprego como produtor na Universidade de Guadalajara. Ao mesmo tempo, a incorporação em organizações nacionais no campo acadêmico foi decisiva para meu futuro: o Conselho Nacional de Ensino e Pesquisa em Ciências da Comunicação (Coneicc), do qual fui presidente no período de 1984 a 1986, e a Associação Mexicana de Pesquisadores em Comunicação (AMIC), fundados em 1976 e 1979, respectivamente.

Duas das lições mais importantes desse primeiro período em minha carreira acadêmica foram que a comunicação tinha que ser entendida a partir de perspectivas que, já então, chamávamos de “sociocultural”, ou seja, que situavam práticas em contextos *estruturantes* em diferentes escalas e dimensões, tanto materiais quanto simbólicas. Tais perspectivas incluíram contribuições da semiótica (Eco, 1976; Verón, 1980), sociologia (Martín-Serrano, 1977; Giddens, 1984) e os pioneiros latino-americanos dos estudos de comunicação (Pasquali, 1970; Martín-Barbero, 1987). O outro aprendizado fundamental foi que, enquanto a “comunicação” foi instrumentalmente adotada por muitos agentes sociais como um recurso para a competição e a imposição de propostas de sentido na vida social, a academia tinha a responsabilidade de exercê-la, de forma “abrangente” ou “reflexiva”, como um recurso colaborativo e um estímulo para o desenvolvimento das próprias visões dos interlocutores de referências comuns (Krippendorff, 1989; Carey, 1992). Essas duas lições também orientaram minha prática como professor e “formador” universitário de profissionais e pesquisadores, uma faceta que foi recentemente analisada como um dos cinco estudos de caso etnográfico por especialistas em educação superior no México (Moreno Bayardo & Torres Frías, 2020), que caracterizaram minha posição como “interação como centro de formação na direção de teses”.

E em 1988, já totalmente incorporado à profissão acadêmica, ocorreram duas mudanças em minha carreira que me levaram decisivamente para a pesquisa. Uma delas foi o fim do meu mandato como Diretor da Escola na ITESO, que pouco depois desapareceu para se tornar uma Coordenação e, por fim, um Departamento. Livre dessa responsabilidade institucional, tive a oportunidade de me concentrar mais na pesquisa através do meu trabalho de ensino de teorias da comunicação e do desenvolvimento do Centro CONEICC

¹ Site disponível em:
<http://ccdoc.iteso.mx>.

de Documentação sobre Comunicação no México, que me fora confiado em 1983 e que se tornaria, anos depois, o site *cc-doc*¹, um repositório de acesso aberto de produtos de pesquisa em comunicação no país. O outro evento crucial daquele ano foi o convite de José Marques de Melo para eu participar do *Estudo Comparativo dos Sistemas de Comunicação Social no Brasil e no México*, proposto pela INTERCOM à CONEICC. Esta participação me permitiu ampliar e aprofundar os laços latino-americanos que eu já havia começado a estabelecer mas que, até então, estavam concentrados principalmente no ensino, no espaço aberto pela Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social (FELAFACS). Fui designado pelo “sistema” de pesquisa em comunicação no México (Fuentes-Navarro, 1991) para o estudo comparativo com o do Brasil, encomendado a Maria Immacolata Vassallo de Lopes, com quem mantenho desde então uma relação acadêmica muito produtiva de colaboração e amizade.

Ambos os “impulsos” para a pesquisa me aproximaram da *metapesquisa*, ou seja, a pesquisa sobre pesquisa. E reconhecendo este “desdobramento” epistemológico, desde então tenho tentado desenvolver uma abordagem comunicacional para esses mesmos processos. Assim, assumi que o estudo da comunicação poderia ser mais bem compreendido como a *produção social de sentido sobre a produção social de sentido* (Fuentes-Navarro, 2003), como tive a oportunidade de apresentar no 3º seminário COMPÓS em 2002 em São Paulo, no 30º aniversário do curso de pós-graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Mais de uma década de colaboração acadêmica com colegas brasileiros me permitiu aprender e exercer diversas perspectivas críticas sobre o *campo acadêmico* comum, um processo que, felizmente, continuou por muitos anos.

Em 1990, no decorrer do *Estudo Comparativo*, fui convidado a permanecer na ECA-USP com outros consultores estrangeiros, no âmbito de um processo de “Transição para a Modernidade” daquela Escola (Melo et al., 1992), especificamente em relação à pesquisa realizada pela ECA sobre seus formandos e os mercados de trabalho (Lopes et al., 1992). Durante um mês inteiro compartilhei com Luis Ramiro Beltrán e Marcelino Bisbal, entre colegas de outras nacionalidades e um bom número de acadêmicos brasileiros da ECA, as atividades e o convívio de uma instituição que sistematicamente procurou renovar e endossar sua importância internacional dentro do campo acadêmico da comunicação. Nesses anos, também compartilhei com muitos outros colegas o processo de reconstituição da Associação Latino-americana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIIC), liderada por José Marques de Melo, especialmente no que diz respeito à modificação do estatuto e à preparação dos congressos latino-americanos. O primeiro desses congressos foi realizado perto de São Paulo,

na cidade de Embú Guaçu, em 1992. Um pouco mais tarde, também colaborei no projeto dos GT (grupos de trabalho ou grupos temáticos) da ALAIC e participei do GT de Teoria e Metodologia da Pesquisa em Comunicação desde o início.

Porém, na primeira metade dos anos 90, nesse processo de “transição” para a pesquisa como tarefa acadêmica prioritária, tive a oportunidade - que não busquei antes - de seguir um programa de doutorado de alta qualidade, sem mudar de residência. Fiz parte da primeira geração do doutorado em Ciências Sociais oferecido em conjunto pela Universidade de Guadalajara (UDG) e pelo Centro de Pesquisa e Estudos Superiores em Antropologia Social (CIESAS), especificamente na área de Sociologia. Minha intuição, juntamente com a experiência já acumulada ao longo de mais de vinte anos no campo, me levou a situar minhas questões teóricas e práticas sobre comunicação em um “espaço epistêmico” mais amplo, o das Ciências Sociais. Tive muito claro desde o início que o que eu procuraria desenvolver no doutorado seria a “solvência” metodológica, e por isso decidi trabalhar em um “objeto” que já havia trabalhado, a constituição do campo acadêmico da comunicação no México.

Durante o processo de doutorado, a etapa mais demandante em termos acadêmicos em minha formação universitária, consegui aprender muito sobre metodologias e abordagens disciplinares, mas também algo mais difícil e de maior importância: aprendi a trabalhar em casa sem me isolar da vida familiar, ou seja, aprendi a “ir e vir” instantaneamente da concentração, cercado por quatro filhos e uma esposa que também aprendeu a facilitar o processo, acompanhando-me amorosamente, mas sem interferir muito ou “desnecessariamente” em minhas tarefas. Naturalmente, isso significava que o que era “necessário” era definido por eles. A experiência desses quatro anos foi muito estimulante e agradável, tanto pessoal quanto academicamente. Recebi meu diploma pouco antes de completar 44 anos, uma idade que naquela época e em meu ambiente acadêmico não era tão tardia quanto poderia parecer agora. As próximas duas décadas e meia reafirmaram isso.

Comecei a me assumir como um “pesquisador de comunicação” quando apresentei um trabalho no Primeiro Encontro Nacional de Pesquisadores de Comunicação da AMIC em 1980. Porém, me senti plenamente reconhecido institucionalmente como tal em 1996, quando obtive meu doutorado e me candidatei e fui aceito no Sistema Nacional de Pesquisadores, ao qual na época ainda não haviam se juntado mais de dez colegas no campo da comunicação. Dois anos antes eu havia retornado à UDG, agora com um cargo de professor-pesquisador. Tão “coletiva” e “social” quanto a construção de qualquer outra identidade, a de pesquisador depende do *habitus* como um sistema de disposições “internas”, assim como o reconhecimento e posicionamento institucional,

além dos pares. O termo “colega”, que é frequentemente usado para se referir a pares acadêmicos, implica a condição de sujeitos “mutuamente escolhidos”. E essa é a base da colegialidade, a forma de coletividade própria da academia. Tive a sorte de compartilhar minha atividade profissional com excelentes pessoas, colegas e equipes de trabalho, e pude juntar-me a esse amplo e multifacetado sujeito coletivo no México e na América Latina que procurou e conseguiu, em grande parte, legitimar os estudos de comunicação e mantê-los em permanente consolidação e renovação, buscando incansavelmente seu objeto em contextos mutáveis e esquivos.

Posso resumir, como fiz em meu discurso de agradecimento e aceitação do título de *Doutorado Honoris Causa* concedido pela Universidade Autônoma da Baja California (Fuentes-Navarro, 2020). Como membro de várias matérias coletivas, tive a oportunidade de dedicar cinco décadas ao aprendizado, descoberta, experimentação, convocação, organização, estímulo, crítica, questionamento, conservação e renovação de conhecimentos e intervenções, mais do que ao ensino; compartilhar, imaginar, discutir, divulgar, consolidar descobertas e métodos, em vez de cultivar certezas científicas que pretendem ter valor universal. Os legados de que me apropriei e a generosidade com que fui tratado me deram confiança nos efeitos em longo prazo da educação universitária e na contribuição essencial da pesquisa para ela. Assim, considero-me um acadêmico em tempo integral, que aprendeu a entender o mundo em que vive como resultado e estímulo da comunicação, e sabe que é impossível contrastar ou separar o compromisso social e profissional; nem a comunicação da educação, cultura e política. A comunicação é de fato uma ética, uma realidade prática e inescapável, bem como um recurso de interação e de exercício de poder. Porém, em muitos aspectos é também um *enigma*, que nos desafia constantemente. Como afirma o colega norte-americano John Durham Peters (1999, p. 2, tradução livre), “entender a comunicação é entender muito mais”. Esse poderia ser um resumo da minha trajetória nos últimos cinquenta anos: como estudante e praticante, como professor e pesquisador, como o mais reflexivo praticante de comunicação possível.

Sem dúvida, os últimos 25 anos são o período mais produtivo dessa trajetória, quando a maioria das minhas publicações surgiu, a maioria dos alunos de mestrado e doutorado que fui professor assistente se formou, e visitei a maioria dos países latino-americanos como professor visitante pelo menos uma vez. Neste último aspecto, sem dúvida o país onde realizei o maior número dessas atividades foi o Brasil, incluindo minha participação em 2015 em um Projeto PROCAD/CAPES, intitulado *Comunicação e Mediações em Contextos Regionais: usos midiáticos, culturais e linguagens*, que envolveu a realização de um seminário sobre *Epistemologia da Comunicação e Mídia do Local: heurísticas socioculturais*

(Fuentes-Navarro, 2019) no curso de pós-graduação da ECA/USP em São Paulo (<https://www.youtube.com/watch?v=RwRXm42KdSk>), e posteriormente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, RN, e na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS. Antes e depois dessas experiências, dei seminários semelhantes na Universidade Nacional de Córdoba, Argentina; na Universidade Católica do Peru; na Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil; na Pontifícia Universidade Javeriana de Cali, Colômbia; na Universidade Iberoamericana, Cidade do México; e na Universidade do Norte, Barranquilla, Colômbia, entre outras.

Com diferentes ênfases, em todos esses espaços acadêmicos latino-americanos tenho mostrado como a dispersão e a fragmentação no campo acadêmico da comunicação são condições que podem ser observadas hoje em qualquer parte do mundo e se manifestam cada vez mais nas múltiplas perspectivas e posições predominantes em quatro dimensões principais (ontológica, epistemológica, praxiológica e metodológica) de interpretações teóricas da comunicação, e suas relações mútuas em uma *hierarquia epistêmica* cada vez mais ambígua. Portanto, uma tentativa especial pode ser feita para identificar, historicizar e contextualizar as tensões e escolhas fundamentais, bem como as consequências práticas que suas múltiplas interligações confusas implicam para a compreensão pública dos recursos, para os direitos de comunicação e para a consolidação de programas de pesquisa científica e treinamento em pesquisa em escala global, nacional, regional e local.

Tenho proposto e debatido - além de meus cursos regulares de pós-graduação no ITESO e UDG - com várias comunidades acadêmicas que definem a “comunicação” como resultado de como e de onde se propõe estudá-la e como se aborda sua problematização e desenvolvimento conceitual. A proliferação indiferenciada e indiscutível de definições gera o que James Carey (1992, p. 34) denunciou de forma tão eloquente há muitos anos: “Nossos modelos de comunicação existentes são menos uma análise do que uma contribuição para o caos da cultura moderna”. Consequentemente, longe de reivindicar com autoridade uma unificação reducionista, sei que é apropriado engajar-se, comunicativamente, em uma conversa comprometida e responsável entre agentes no campo (Craig, 1999), sobre a relação entre a questão genérica “o que é comunicação?” (situada na dimensão ontológica) e “como conhecer a comunicação?” (questão central da dimensão epistemológica). Além disso, não só a consistência da questão epistemológica deve depender da definição ontológica, mas também vice-versa, de forma recorrente e reflexiva.

A busca recursiva e reflexiva da consistência do conhecimento sobre a comunicação implica que a comunicação como objeto de conhecimento é o resultado

de um trabalho de *modelagem da realidade*, de imposição de algum modelo sobre a realidade a fim de poder reconhecê-la como tal. Existem dificuldades interessantes no trabalho específico que deve ser investido para fazer esta “modelagem da realidade”: selecionar e, portanto, construir esta realidade em termos determinados pela nossa maneira de conhecer e não pela “realidade objetiva” em si, que não podemos conhecer como tal sem esta mediação (Couldry & Hepp, 2017). Isso nos permite colocar em jogo a definição ou conceito central de comunicação como “produção social de sentido” como ponto de partida, mas também como um ponto de chegada. Como já mencionado, este conceito de comunicação, definido de uma perspectiva sociocultural, implica por sua vez que o estudo da comunicação é a “produção social de sentido sobre a produção social de sentido” e é uma forma, entre outras, de localizar, compreender, contextualizar o objeto do conhecimento, ao mesmo tempo em que sua relação com o sujeito do conhecimento; uma forma de não deixar o objeto “flutuando no ar” como se fosse uma definição totalmente arbitrária.

Esta forma de conceber teoricamente o estudo da comunicação não é de longe a que prevalece nos processos de formação universitária e de pesquisa institucionalizada na América Latina. Por isso meu principal interesse tem sido investigar estes processos de institucionalização através de suas mais importantes “objetivações”: programas de graduação e pós-graduação, publicações acadêmicas e associações especializadas. Em 1992, publiquei uma primeira abordagem, sob o título *Un campo cargado de futuro. El estudio de la comunicación en América Latina* (Fuentes-Navarro, 1992), e nos anos seguintes uma série de atualizações e desenvolvimentos desta “história”, incluindo artigos sobre seus “desafios disciplinares e pós-disciplinares” (Fuentes-Navarro, 1997), suas “condições e perspectivas para o século XXI” (Fuentes-Navarro, 1999), suas “referências internacionais e condições para um diálogo transversal de conhecimento” (Fuentes-Navarro, 2010) ou sua “internacionalização desintegrada” (Fuentes-Navarro, 2014). Também foram realizadas conferências em Bogotá - FELAFACS - em 1992 sobre “O estudo da comunicação sob uma perspectiva sociocultural na América Latina”; em Quito - SEICOM-CIESPAL - em 2011 sobre “Tendências da pesquisa em comunicação na América Latina: perspectivas e desafios”; em Curitiba - INTERCOM - em 2017 sobre “Memória e historicidade da pesquisa em Comunicação na América Latina”; ou em Campo Grande (à distância) - COMPÓS - em 2020, sobre “Comunicação e fronteiras: geografias e espaços simbólicos de práticas comunicativas na América Latina”, entre outros.

Na perspectiva sociocultural desenvolvida através de múltiplas experiências de pesquisa e debate, consideramos a *institucionalização* em programas universitários e associações profissionais como a manifestação mais “objetiva”

da constituição de um campo acadêmico, na medida em que desta forma as instâncias de poder social atribuem ou reconhecem um lugar específico à produção e reprodução do conhecimento, bem como à formação profissional em uma determinada área, e definem implícita ou explicitamente a orientação e o significado (função social) que o trabalho naquela área naquele lugar deve cumprir a fim de obter e reforçar sua legitimidade. Este processo é então inseparável da *profissionalização* dos sujeitos que, dentro dos programas estabelecidos, têm que exercer práticas acadêmicas e articular, de maneira mais ou menos forte, a produção acadêmica com a tomada de decisões na área, o que por sua vez contribui para a *legitimação* do conhecimento, das instituições onde é cultivada e dos sujeitos que a geram.

Portanto, a extensão e distribuição dos programas no sistema de ensino superior de um ou outro país indicam, ao mesmo tempo, as “posições” que a “disciplina” está adquirindo no sistema, em relação a outras, e aquelas que distinguem as instituições universitárias umas das outras na constituição do campo, assim como as redes que as articulam de determinadas maneiras e não de outras. Mas, além desses processos de institucionalização *social* nos estabelecimentos universitários e redes de interconexão entre eles, é essencial levar em conta a institucionalização *disciplinar* que, seguindo a contribuição clássica de Burton Clark (1991), é considerada ainda mais importante que a primeira para a análise da estruturação do campo acadêmico. No nível da institucionalização social, e ainda mais no nível cognitivo, a constituição de uma disciplina ou especialidade científica “atravessa” os estabelecimentos, ligando-os (e desvinculando-os) uns aos outros através da ação dos sujeitos a eles ligados. No estudo desta estruturação, a dimensão trans-institucional é de fundamental importância e mais ainda quando as instituições e os sujeitos estão localizados em diferentes países, ou seja, em diferentes regimes nacionais. Porém, uma história internacional de estudos de comunicação ainda não foi “escrita” sobre esta ou qualquer outra lógica, pois “a maioria das histórias até agora tem sido nacional, com um foco predominante na América do Norte e Europa Ocidental” (Simonson & Peters, 2008, p. 764, tradução livre). O que fica bem claro é que a institucionalização social tem sido muito mais forte do que a institucionalização disciplinar...

Entretanto, na última década surgiu e se fortaleceu um “ponto de vista internacional” no qual pude participar, que “nos ajuda a ver como o estudo organizado da comunicação refletiu, refratou e impulsionou de imediato a geopolítica transnacional, os padrões institucionais de educação e profissionalização e as formas de saber e agir” que determinaram a vida coletiva desde o século passado. A busca de estruturas sócio-históricas adequadas para fundamentar não só a

pesquisa internacional, mas cada vez mais “transnacional” nos processos de constituição do campo acadêmico da comunicação, com bases teóricas adequadas, ganhou recentemente um forte impulso: “a história transnacional toma forma ao lado de histórias comparativas, internacionais, mundiais e globais” (Simonson & Park, 2016, pp. 2-6, tradução livre). Esse é o contexto acadêmico com o qual mais me identifico hoje, quando fui homenageado como *Pesquisador Nacional Emérito* pelo Sistema Nacional de Pesquisadores do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CONACYT), com base em uma avaliação que considerou uma apresentação pessoal que resumo para concluir este texto.

Nos meus quarenta anos de carreira acadêmica, aprendi a articular interpretação e intervenção como operações fundamentais na produção de conhecimento sobre comunicação. A pesquisa sobre teoria e prática me permitiu desenvolver uma metodologia baseada em modelos heurísticos e autorreflexivos. A fórmula é recorrente: conhecer a comunicação só é possível através de seu exercício, portanto, a tarefa central tem sido praticar *a produção social de sentido sobre a produção social de sentido*. Esta síntese das contribuições de muitos autores, e suas manifestações e consequências sistematicamente analisadas empiricamente, tem sido reconhecida como uma contribuição útil e produtiva nos contextos acadêmicos do estudo da comunicação tanto no México como na América Latina e em outras regiões, e cada vez mais em outros campos acadêmicos das ciências sociais e humanas, pois é reconhecida a importância da comunicação como um processo de estruturação social. Assim, a comunicação não é mais concebida simplesmente como “troca de mensagens” ou “uso instrumental da mídia”, embora estas práticas também sejam incorporadas ao que se supõe ser uma perspectiva sociocultural. Neste contexto, pude desenvolver atividades e recursos altamente valorizados por sua escassez e utilidade, tais como aqueles relacionados à documentação acadêmica, à qual me dedico desde 1983, e que estão incorporados no repositório *cc-doc*, disponível para consulta aberta na Internet desde 2003. Atualmente, o repositório inclui mais de oito mil documentos, produtos de pesquisa sobre comunicação no México ou sobre o México: livros, capítulos, artigos e teses de pós-graduação, mais da metade dos quais podem ser recuperados em texto integral. Este recurso indispensável para o desenvolvimento de um estado da arte e pesquisa de fundo no México serve como um complemento para a construção tanto de estruturas teórico-metodológicas quanto referenciais sobre fontes documentais internacionais e, portanto, facilita a orientação mais pertinente de projetos, especialmente teses de pós-graduação, para contextos próximos e, portanto, muito relevantes. Também facilita o desenvolvimento de projetos comparativos, nacionais e internacionais, sobre tópicos e abordagens de interesse acadêmico emergente.

Minha especialidade como professor universitário tem sido o campo das teorias da comunicação, especialmente aquelas orientadas para uma perspectiva sociocultural e como recursos para a construção pós-disciplinar de modelos de interpretação científica e intervenção profissional. Por mais de quinze anos o principal objetivo do meu trabalho foi a formação profissional de comunicadores competentes e reflexivos para explorar novos espaços de desenvolvimento sociocultural através da comunicação. Eu supervisionei 75 teses de graduação em comunicação. Nos vinte e cinco anos seguintes, sem abandonar esse objetivo, minha prioridade foi orientada para a formação de pesquisadores nos níveis de mestrado e doutorado. Supervisionei 47 teses de pós-graduação, o que pude fazer simultaneamente em uma das melhores instituições públicas e uma das melhores instituições privadas do país no campo da comunicação. Centenas de graduados em ciências da comunicação e dezenas de pós-graduados estenderam seu aprendizado, com o qual pude contribuir diretamente, em várias regiões do México e de outros países da América Latina.

Uma dimensão essencial em minha trajetória acadêmica tem sido o trabalho colaborativo e articulado através de instâncias interinstitucionais, visando promover espaços de ação compartilhados para a disciplina em contextos mais amplos do que um único local. A participação na formação e no desenvolvimento de associações acadêmicas nacionais e latino-americanas tem sido um meio essencial de contribuir para o fortalecimento de comunidades científicas e acadêmicas responsáveis e solventes. E isso também implica a promoção de projetos de desenvolvimento institucional que, no meu caso, foi canalizada através da integração de diferentes equipes de trabalho que, entre meados dos anos 80 e a primeira década do século XXI, projetaram, gerenciaram sua aprovação e colocaram em funcionamento três programas de mestrado e dois de doutorado que, na época, alcançaram o mais alto nível (“Competição de Nível Internacional”) no Registro Nacional de Pós-Graduação em Qualidade do CONACYT, e o mantiveram na Universidade de Guadalajara e ITESO. Nestes cinco programas, a pesquisa em comunicação é um eixo central de treinamento e uma ligação institucionalizada fundamental com a produção acadêmica nacional e internacional na área. Por outro lado, desde o início dos anos 80 tenho colaborado na construção de espaços acadêmicos convergentes através da figura de associações acadêmicas trans-institucionais.

A principal contribuição de minha pesquisa vem de meus estudos sobre a estruturação institucional do campo acadêmico da comunicação. Há trinta anos, em um livro intitulado *La comunidad desapercibida, investigación e investigadores de la comunicación en México* (Fuentes-Navarro, 1991), fiz uma primeira abordagem sistemática do que continuei fazendo nos anos seguintes, e no qual,

com um generoso prefácio, Jesús Martín-Barbero me ajudou a entender melhor do que se tratava e até onde o projeto poderia ir. Eu o cito:

Nestes tempos de desencanto, onde abundam balanços desiludidos e reformulações realistas, este livro sabe ler, sob a visível dispersão e fragmentação do campo, o lento amadurecimento de uma comunidade e em traços largos esclarece - e nisso é sem dúvida um pioneiro - como a comunicação se torna um campo intelectual, na medida em que seus atores formam uma comunidade, composta não só de conhecimento, mas também de re-conhecimentos, não só de paradigmas, mas também de posições teóricas e interpelações sociais. (Martín-Barbero, 1991, p. 13, tradução livre).

O jogo de significados que deliberadamente incluí no título deste trabalho, uma vez que descrever a comunidade como despercebida significava “desconhecida ou ignorada”, mas também como desprovida de recursos essenciais, nos permite reconhecê-la agora como mais apreciada e mais consolidada, ambos avanços como parte de um complexo e sustentado, mas insuficiente, processo de amadurecimento. A comunicação multifacetada, o objeto genérico de estudo, ultrapassou e desafiou aqueles de nós que a estudam. E é por isso que acredito, com outros, que é mais importante do que nunca reforçar a atenção universitária a ela, que é responsabilidade central da pesquisa universitária e dos programas de treinamento em comunicação formular da maneira mais precisa possível como interpretar e intervir, e não apenas um ou outro: não apenas interpretar nem intervir nas diversas e complexas realidades sociais nas quais a comunicação é atualmente uma mediação fundamental. ■

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Difel.
- Carey, J. (1992). *Communication as culture: Essays on media and society*. Routledge.
- Clark, B. R. (1991). *El sistema de educación superior: Una visión comparativa de la organización académica*. Nueva Imagen.
- Couldry, N., & Hepp, A. (2017). *The mediated construction of reality*. Polity Press.
- Craig, R. T. (1999). Communication theory as a field. *Communication Theory*, 9(2), 119-161. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.1999.tb00355.x>
- Eco, U. (1976). *Tratado de semiótica general*. Lumen.
- Fuentes-Navarro, R. (1991). *La comunidad desapercibida: Investigación e investigadores de la comunicación en México*. Iteso – Universidad Jesuita de Guadalajara.

- Fuentes-Navarro, R. (1992). *Un campo cargado de futuro: El estudio de la comunicación en América Latina*. Felafacs.
- Fuentes-Navarro, R. (1997). Retos disciplinarios y postdisciplinarios para la investigación de la comunicación. *Comunicación y Sociedad*, (31), 215-241.
- Fuentes-Navarro, R. (1998). *La emergencia de un campo académico: Continuidad utópica y estructuración científica de la investigación de la comunicación en México*. Iteso – Universidad Jesuita de Guadalajara.
- Fuentes-Navarro, R. (1999). La investigación de la comunicación en América Latina: Condiciones y perspectivas para el siglo XXI. *Diálogos de la Comunicación*, (56), 52-68.
- Fuentes-Navarro, R. (2003). La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: Hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. In M. I. V. Lopes (Org.), *Epistemologias da comunicação* (pp. 15-40). Loyola.
- Fuentes-Navarro, R. (2010). Investigación de la comunicación: Referentes y condiciones internacionales de un diálogo transversal de saberes. *Signo y Pensamiento*, 29(57), 38-48.
- Fuentes-Navarro, R. (2014). La investigación de la comunicación en América Latina: Una internacionalización desintegrada. *Oficios Terrestres*, (31), 11-22.
- Fuentes-Navarro, R. (2019). Epistemología de la comunicación y mediaciones de lo local: Heurísticas socioculturales. In E. Trinidad, M. L. Fernandes, & J. S. Lacerda (Orgs.), *Entre comunicação e mediações: Visões teóricas e empíricas* (pp. 21-30). ECA-USP.
- Fuentes-Navarro, R. (2020, noviembre). *Ceremonia de reconocimiento al mérito universitario (Doctorado Honoris Causa) al Dr. Raúl Fuentes Navarro* [Vídeo]. Vimeo. <https://vimeo.com/480859248>.
- Giddens, A. (1984). *The constitution of society: Outline of the theory of structuration*. University of California Press.
- Ibáñez, J. (1985). *Del algoritmo al sujeto: Perspectivas de la investigación social*. Siglo XXI de España.
- Krippendorff, K. (1989). On the ethics of constructing communication. In B. Dervin, L. Grossberg, B. J. O'Keefe, & E. A. Wartella (Eds.), *Rethinking communication* (vol. 1, pp. 66-96). Sage.
- Lopes, M. I. V., Población, D. A., & Viá, S. C. (1992). *O mercado de trabalho em comunicações e artes e os profissionais formados pela ECA nas décadas de 70 e 80*. ECA-USP.
- Martín-Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. G. Gili.

- Martín-Barbero, J. (1991). Prologo. In R. Fuentes-Navarro, *La comunidad desapercibida: Investigación e investigadores de la comunicación en México* (pp. 11-13). Iteso – Universidad Jesuita de Guadalajara.
- Martín-Serrano, M. (1977). *La mediación social*. Akal.
- Melo, J. M. et al. (1992). *ECA-USP: Transição para a modernidade*. ECA-USP.
- Moreno Bayardo, M. G., & Torres Frías, J. C. (2020). *Aprender a ser tutor y director de tesis: Experiencias significativas de formadores en posgrado*. Universidad de Guadalajara.
- Pasquali, A. (1970). *Comprender la comunicación*. Monte Ávila.
- Peters, J. D. (1999). *Speaking into the air: A history of the idea of communication*. The University of Chicago Press.
- Prieto, F. (2021). Prólogo: 60 años de comunicación en México. In M. Vaca, & M. A. Guerrero (Eds.), *La comunicación y sus guerras teóricas: Introducción a las teorías de la comunicación y los medios* (vol. 1, pp. 9-17). Peter Lang.
- Simonson, P., & Peters, J. D. (2008). Communication and media studies, history to 1968. In W. Donsbach (Ed.), *The international encyclopedia of communication* (vol. 2, pp. 764-771). Wiley-Blackwell.
- Simonson, P., & Park, D. W. (Eds.). (2016). *The international history of communication study*. Routledge.
- Verón, E. (1980). *A produção de sentido*. Cultrix.
- Wright-Mills, C. W. (1961). *La imaginación sociológica*. Fondo de Cultura Económica.

Artigo recebido em 15 de Outubro de 2022 e aprovado em 16 de Novembro de 2022.